

Igreja de Santo António dos Capuchos e Hospital da Misericórdia



Alçado Norte do antigo Convento dos Capuchos na cidade de Guimarães.

No âmbito da disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, do 5.º ano da Licenciatura em Arquitectura da Universidade do Minho, desenvolveu-se o trabalho prático sobre a Igreja de Santo António dos Capuchos e Hospital da Misericórdia, mais conhecido como Antigo Convento dos Capuchos na cidade de Guimarães.

De modo a obter um conhecimento mais atento e formal do objecto arquitectónico no conjunto urbano do concelho de Guimarães, desenvolveu-se um trabalho de pesquisa bibliográfica e levantamento rigoroso do Antigo Convento dos Capuchos de modo a que, numa fase posterior, se pudesse proceder a uma caracterização formal e espacial e a uma análise topológica, tipológica e morfológica.

O conjunto do antigo Convento de Santo António dos Capuchos e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, construído em contiguidade, situa-se a noroeste do Castelo de Guimarães e dos Paços dos Duques de Bragança.

O edifício nasceu fora de muros junto a uma das portas principais da Villa de Guimarães – Porta da Garrida – a qual se encontra no eixo principal e organizador da cidade. O facto de surgir como remate da rua, com a orientação norte e segundo uma grelha que aponta a expansão e axialidade da Villa a partir dos seus eixos ordenadores, revela uma característica do tempo renascentista que se vivia nesta altura, marcado pela grande

racionalidade e rigor científico, formalizado com simplicidade e austeridade. Esta racionalidade irá transparecer no Convento dos Capuchos, quer na sua origem quer ao longo da sua evolução até aos dias de hoje.

O seu início remonta a 1662, data em que foi lançada a primeira pedra, após autorização de D. Afonso VI. No entanto, só em 1664 é que os frades Capuchos obtêm autorização para iniciarem as obras com a pedra dos arruinados Paços dos Duques de Bragança, das muralhas da Villa e do Castelo de Guimarães. Em 1668, mesmo antes de terminarem as obras, os frades decidem ocupar as dependências conventuais.

Como era hábito, juntamente com o Convento fez-se uma igreja, que durou até ao ano de 1678, e que por se encontrar muito arruinada foi demolida. No entanto, e na continuidade das obras no convento, foram-se aumentando as suas dependências, com o intuito de criar mais dormitórios e celas, que se considera ser o acrescento da ala sul.

Em 1742 é reconstruída a nova igreja com paredes mais resistentes e capazes de sustentar a abóbada. A reconstrução foi possível com o financiamento da Câmara, conseguindo acrescentar o coro alto e o segundo piso do claustro. De acordo com os registos encontrados e com o levantamento rigoroso do edifício, foi possível perceber que também a capela-mor terá sido ampliada.

Numa nova fase é construída a sacristia, em 1748, sob risco de Frei António Bastos, delimitando assim o claustro que, até então, se encontrava “aberto” a norte. Mais tarde, a partir de 1763, é reconstruída a fachada da Igreja de Santo António dos Capuchos com o contributo do entalhador António da Cunha Correia do Vale.

Passados alguns anos, em 1780, funda-se uma capela à esquerda da porta da igreja, onde se instalou a Ordem Terceira de S. Francisco, aqui fundada em 1760 pelos religiosos Capuchos. Supõe-se que a capela tenha ocupado uma cela pré-existente, devido à semelhança com uma divisória que se encontra na proximidade. Através da forma da capela, constata-se que a capela-mor estaria virada a sul ao contrário da capela-mor da Igreja de Santo António dos Capuchos. Especula-se que esta organização esteja relacionada com a entrada a partir do claustro para a capela, de modo a marcar a entrada a eixo e linearmente directa para o altar.

Por meados do século XVIII surgiram vários sinais de decadência, havendo uma crise interna dos institutos religiosos em Portugal. Estes problemas deviam-se à excessiva população conventual do país, às dificuldades de subsistência, à administração incompetente e à acumulação de dívidas dos conventos. O declínio acentuou-se no século XIX, começando os institutos religiosos a serem rotulados de corpo social inútil e ocioso que, directa ou indirectamente, vivia à custa da sociedade e do Estado. É então que, em 1834, se dá a extinção imediata de todas as casas de religiosos no reino, por ordem de D. Pedro IV. Deste modo, os frades do Convento de Santo António dos Capuchos são intimados a abandonar o edifício. Com as ordens religiosas dissolvidas os edifícios quedaram-se vagos, logo as instituições de assistência e os

serviços da administração pública viram uma oportunidade para se instalarem em melhores condições. Com o decurso dos anos, e ao mesmo tempo que se assistia ao declínio dos institutos religiosos portugueses, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães deixou de poder satisfazer as necessidades de quantos a ele recorriam. É também por esta altura, em 1842, que vai à praça o extinto convento dos Capuchos, sendo arrematado pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, após a concessão da rainha D. Maria II para utilizar o edifício do extinto convento como novo hospital de Guimarães. No ano seguinte iniciam-se, então, algumas obras no antigo Convento de Santo António dos Capuchos de modo a adaptar o edifício à sua nova função. Estas adaptações terão passado, essencialmente, pelo acrescento de algumas dependências e pelo alargamento de algumas celas para instalação de enfermarias. A capela que, até

então, existia no convento, cedeu lugar à entrada do hospital. Apesar das obras de adaptação do antigo Convento de Santo António dos Capuchos a Hospital da Misericórdia de Guimarães, o edifício encontrava-se